



FILOSOFIA DA LINGUAGEM: REFLEXÃO E SENTIDO

Philosophy of Language: Reflection and Meaning

Thiago Onofre Maia¹

RESUMO: Estas reflexões visam aproximar os conceitos linguístico-filosóficos vistos a partir da filosofia da linguagem nos diferentes períodos da história da civilização ocidental. A intenção é mostrar o modo como foram compreendidos os conceitos mais importantes da filosofia no campo da linguagem. Evidentemente, uma história repleta de detalhes, conceitos e circunstanciada por vários e complexos elementos culturais não poderia ser exposta de forma completa em poucas páginas. Assim, a nossa finalidade é antes mostrar os conceitos linguísticos considerados a partir de uma perspectiva filosófica, de sorte que procuraremos enfatizar a maneira pela qual a linguagem foi vista e estudada através da tradição linguística, filosófica e cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia; Linguagem; Conceito; Lógica; Sentido.

ABSTRACT: These reflections aim at analyzing the philosophical-linguistic concepts, in the different periods of the western civilization history, from the perspective of philosophy of language. More precisely, our intent is to show the way by which were understood the most important philosophical concepts in the field of language. Obviously, a full and detailed history, with their concepts, their complex and cultural elements, could not be exhausted in few pages. Therefore, our goal is rather to present the linguistic concepts from a philosophical point of view, so that we will try to emphasize the way by which language was considered and studied though the linguistic, philosophical and cultural tradition.

KEYWORDS: Philosophy; Language; Concept; Logic; Meaning.

A especulação filosófica virou ciência, mas isso não quer dizer que os problemas foram solucionados. Cada vez que se abre um manual sobre Filosofia da Linguagem se depara quase sempre com um questionamento: Que é Filosofia da Linguagem? Nem sempre se têm respostas, e este trabalho tampouco procura essa ambição. Entretanto, qualquer pesquisa sobre a linguagem, qualquer que seja a época, traz satisfação, porque pelos estudos da Filosofia da Linguagem se encontram elementos culturais significativos para

¹ Mestre em teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), leciona língua portuguesa na Faculdade São Basílio Magno (FASBAM). E-mail: onofretm@gmail.com

o desenvolvimento humano. Entretanto, não há clareza no que tange ao conceito dessa área de abrangência filosófica. Aroux (1988, p. 14) afirma com acerto “A Filosofia da Linguagem não corresponde a uma unidade conceitual clara.” Se tivesse, talvez estes estudos específicos da linguagem não teriam alcançado tanta importância ao longo dos séculos de civilização.

A pesquisa sobre Filosofia da Linguagem requer uma série de interrogações acerca dos elementos que constituem a história da própria civilização. É impossível refletir sobre a linguagem humana desvinculando-a dos dados socioculturais. A linguagem não se separa da vida humana menos ainda de sua essência, que é a capacidade de criar, recriar e, sobretudo, expressar, pela linguagem, o pensamento.

A Filosofia da Linguagem como ciência se desenvolveu de acordo com o espírito de cada época. Cada fato tem relevante importância na ordem dos acontecimentos. A Filosofia da linguagem não se distancia deste preceito, e nela conforme a época dos acontecimentos, cada fato é estudado de acordo com as concepções próprias do tempo. Assim, na Idade Antiga, a linguística foi pensada pelos filósofos gregos, especialmente, porque esta era a forma vigente do tempo. Mas os métodos antigos passaram porque a história evoluiu, e com esta a linguística também foi desafiada a modificar-se, a evoluir, com a sociedade e as ciências. Ora, se o conhecimento era causa de constantes reflexões dos filósofos, a linguagem não poderia ficar de fora, afinal de contas todo conhecimento se expressa pela linguagem.

Por isso, a linguística é objeto de estudo dos pensadores desde a Antiguidade, época em que o homem possuía uma formação holística, passando pela Idade Média, quando a formação era teocêntrica. A preocupação era buscar a unicidade, daí a necessidade de a Filosofia e os estudos linguísticos passearem pelos diversos caminhos do conhecimento: filosóficos, matemáticos, jurídicos, sociológicos, linguísticos e religiosos.

O primeiro a constatar a importância desses estudos foi Platão, que em diálogos com seus interlocutores, discutia questões de diferentes ordens, ressaltando a importância do verbo, do adjetivo, do signo, da enunciação, da retórica, da poesia, da enunciação e do discurso de modo geral. Outra coisa digna de destaque, como destaca Nef (1995, p. 14) era a preocupação que leva a ver “como as realidades sensíveis são compostas de cópias de objetos ideais...” Esta preocupação tem alcance porque, de fato, procura nomear as coisas, conhecendo-as e compreendendo o significado. Como se observa, a preocupação é própria daquela época e Platão aponta para a importância da retórica. Naturalmente a

expressão da ideia, quando falamos, une-se à sequência de sons que produzimos naquela língua específica. A questão do significado e do significante.²

Essas referências são importantes porque dão origem histórica aos estudos da linguagem, a partir não de uma ideia ou imaginação, mas a partir de fatos concretos. Os estudos sobre a linguagem, com a *roupagem* filosófica surgem com os antigos gregos, mas somente no século II alcançam maior maturidade, sob o ponto de vista do conhecimento. Mas por que no século II? Porque a religião cristã precisava de alguns conceitos para definir e firmar sua doutrina.

Os passos são necessários para o desenvolvimento, e neste caso a Idade Média deu uma valiosa contribuição. Houve, na verdade, profundas mudanças nos conceitos, nos costumes, na política e na sociedade, enfim, no modo como se compreendia a relação Deus e Homem. O Renascimento deu um passo mais além, porque dá uma nova ideia sobre a visão do homem como um ser cultural, cujo componente mais singular é a razão, e por ela o poder de criar e recriar - por esse caminho chegava-se a simples conclusão de que as línguas se modificam no decorrer do tempo.

Entra em cena a Filosofia da Linguagem e a Linguística que se encarregaram de identificar as modificações que também ocorriam dentro de cada língua, especialmente as europeias. Aqui se observa, naturalmente, a independência dos estudos linguísticos modernos, em relação aos antigos pensadores e filósofos. O modernismo adotou métodos específicos para não apenas estudar, mas também classificar as mudanças que se operava nas ciências nos séculos XVIII e XIX. Um desses métodos é o chamado comparativo. Depois se constatou que esse método não dava conta da tarefa de resolver a questão das transformações.

1. A busca dos conceitos

O campo da Filosofia da Linguagem não está bem determinado, embora se constate que houve evolução principalmente a partir do final do século XIX e início do século XX. No Ocidente, a reflexão acerca da linguagem remonta os tempos dos filósofos greco-romanos, que continuam sendo fonte de referência quando se procura fundamentar o

² SAUSSURE, 2006, pp. 139-140 diz que “um sistema linguístico é uma série de diferenças de sons combinados com uma série diferentes de ideias.” A questão do significado e do significante, para ele, parecia clara. Quando falamos, imaginamos, criamos uma imagem daquilo que os sons combinados produziram. A imagem é o significado, é universal; a sequência fônica –as letras, as sílabas os sons... é o significante, é particular, posto que para se entender, é preciso conhecer a língua daquela sequência fônica.

processo histórico da Filosofia da Linguagem. Mas pensar a linguagem naquelas circunstâncias era estudar não apenas os aspectos gramaticais - tradição que foi passando de cultura para cultura, a partir das gramáticas mais antigas, que *desaguam* nas modernas, principalmente com a expansão da cultura ocidental. De acordo com Nef (1995, p. 21), é pensar também uma estrutura que compreende a semântica e a lógica no enunciado em que se estabelece relações entre linguagem e pensamento.

A Filosofia da Linguagem se ocupa da essência e natureza dos fenômenos linguísticos. Os estudos linguísticos, a partir do ponto de vista filosófico, tratam da natureza do significado, da referência, do uso da linguagem e de seu aprendizado e dos diversos modos que os falantes compreendem a linguagem. Em muitos aspectos e épocas, como as primeiras referências, a preocupação da Filosofia da Linguagem era a compreensão dos valores doutrinários ensinados tanto na teologia como nas ciências. Depois da Idade Média, o humanismo trouxe uma nova compreensão do homem e da humanidade, e a linguagem também teve seu espaço, especialmente no que concerne à interpretação, à tradução dos aspectos linguísticos do pensamento e da experiência. Constata-se, igualmente, que outros aspectos importantes aparecem nos estudos da Filosofia da Linguagem, como a sintaxe, a semântica e a pragmática.

Segundo Aurox (1998, p. 12), o objetivo, entretanto, desses estudos linguísticos, isto é, das gramáticas [e dicionários], principalmente a partir do Renascimento, era fornecer instrumentos para à compreensão de uma língua natural. Além disso, é importante destacar que a gramática tem outra finalidade: explicar *logicamente* as regularidades observáveis nas línguas naturais. A história recente registra dois aspectos no ensino da linguagem: a análise lógica e a análise gramatical. Por outro lado, nota-se que nem a gramática histórica e comparada nem a gramática geral apresentam objetivos práticos, mas se debruçam sobre interesses cognitivos.

Alston (1972, p. 11) afirma que a Filosofia da Linguagem não está bem definida nem possui um princípio de unidade como a maioria dos outros ramos da filosofia. Isso porque os problemas da linguagem que são tipicamente tratados pelos filósofos “constituem uma coleção pouco conexa, para a qual é difícil encontrar qualquer critério nítido que a distinga dos problemas de linguagem de que se ocupam gramáticos, psicólogos e antropólogos.” Dentro das ciências modernas há muitos pontos de interesse da filosofia da linguagem. A metafísica, a lógica e a epistemologia são matérias filosóficas que interessam diretamente a linguagem por causa do objeto de estudo de cada uma delas.

2. Filosofia e expressão do conhecimento

O conceito mais comum de filosofia encontrado nos melhores autores, especialmente entre os gregos, e mais precisamente Aristóteles, é *a vontade e o desejo* de conhecer. Esse desejo se manifesta até nas crianças porque é inato, daí se dizer que o desejo é a *fonte* primeira do conhecimento e princípio das ciências que satisfaz a curiosidade natural do homem. Deduz-se, assim, que para Aristóteles a filosofia é a vontade de conhecer que se concretiza na expressão do que é abstraído pelo intelecto, e isso tem que ser evidenciado na linguagem.

O estudo da linguagem a partir da filosofia é muito diferente dos primeiros estudos feitos pelos filósofos, especialmente os mais antigos que ainda são referências indispensáveis para se compreender os passos que a filosofia da linguagem deu em todo percurso histórico. Observa-se que no pensamento moderno os filósofos da linguagem não se preocupam muito com o que significam palavras ou frases individuais, isoladas, as sentenças, como rezava a filosofia antiga.

Os primeiros estudos sobre a linguagem foram feitos pelos filósofos que fundamentalmente quiseram distinguir os seres e sua essência dos seres de conceitos. Os nomes (conceitos) eram indispensáveis para se compreender o mundo da linguagem e as ideias que a traduzem.

A história da filosofia da linguagem, especialmente para os antigos gregos e romanos, e mais tarde os pensadores cristãos, reduz-se à compreensão do significado ou do sentido, isto é, da semântica. Por quê? Porque havia necessidade de precisar os termos linguísticos, especialmente para a definição dos dogmas doutrinários. A Igreja, em muitos Concílios Ecumênicos, especialmente em Nicéia e Constantinopla, apelou para a filosofia com o fim de justificar sentenças de fé, principalmente as que não estão nos evangelhos. Teologia e Filosofia se *uniram* em busca de explicações lógicas para sentenças tradicionalmente cridas pela Igreja, como a questão da Trindade e da Divindade de Jesus Cristo. Contudo, sobressaía um agravante a mais: duas línguas procuravam as mesmas traduções, a grega (para os Padres Gregos) e a latina (para os Padres Latinos) - é lógico que isso enriqueceu tanto a filosofia, quanto a teologia e a própria filosofia da linguagem. Por outro lado, isso não quer dizer que se esclareceu a semântica, posto que era esta a preocupação primeira desses pensadores. Despertou na consciência dos estudiosos, filósofos, teólogos e leigos o interesse pelos estudos da linguagem - a História da Filosofia da Linguagem estava em curso.

Mesmo assim, o próprio objeto da semântica não é claro nem para os filósofos nem para os linguistas modernos. É comum se encontrar nos pensadores a mesma preocupação com o *significado* e o *nome* das coisas. É claro que reconhecer esse problema não o resolve, mas pelo menos se procura fazer um diagnóstico dos passos que os estudos linguísticos deram no campo da filosofia da linguagem.

Definir o objeto de estudos da Semântica não é uma tarefa muito simples. Podemos afirmar que a Semântica busca descrever o “significado” das palavras e das sentenças, mas devemos, então, definir esse conceito. O problema é que não há consenso entre os semanticistas sobre o que se entende por “significado”. Uma das dificuldades de definirmos esse termo se deve ao fato de que ele é usado para descrever situações de fala [discurso] muito diferentes. [...] Se tentamos abarcar todas essas situações e outras em que o termo aparece, minamos o próprio projeto de se construir uma teoria científica sobre o significado, porque já não saberemos mais o significado de “significado”.³

O significado de uma palavra, termo, expressão ou frase pode ser dado por um dicionário ou por uma enciclopédia especializada no assunto. Ao contrário dos primeiros estudos da linguagem, quando não havia meios nem instrumentos para que se levasse o conhecimento da filosofia a um universo maior de interessados.

No passado distante se pensava sempre no significado dos termos, com uma preocupação voltada principalmente para a semântica e a etimologia. Era por esse caminho que se procurava distinguir duas coisas muito comuns entre os filósofos, e pode-se afirmar que essa preocupação permaneceu até a Idade Moderna. Por muito tempo, como estava em voga a questão das apologias, então se procurava discernir, mediante a linguagem, a verdade do erro. Neste caso, quanto mais precisa, direta, objetiva e clara, melhor e mais exata era a linguagem.

Com os estudos modernos, nota-se que o mais interessante é o que significa para uma palavra ou frase significar alguma coisa. Por isso surgem algumas perguntas inquietantes: por que as expressões têm os significados que têm? Como uma expressão pode ter o mesmo significado de outra? E, principalmente: qual o significado de "significado"? Isso pode remeter a uma resposta fácil, entretanto a questão requer reflexão, porque não é tão evidente. A filosofia antiga e a medieval ocuparam muitas páginas com a questão do significado, da semântica, sempre em consonância com a etimologia.

Com efeito, a preocupação da Filosofia da Linguagem, no que se refere à linguagem diz respeito ao significado. E por quê? Certamente porque o conceito de significado sempre é ambíguo. A pergunta "qual o significado do 'significado'?" não tem uma resposta óbvia.

³ OLIVEIRA, R. P. de. *Semântica*. In: Introdução à Linguística: domínios e fronteiras, v.2. Fernanda Mussalim e Anna Christina Bentes (orgs.) – 2. ed., São Paulo: Cortez, 2001, p. 17.

A tradição empirista tratou o significado do "significado" como uma ideia provocada por um signo. No mesmo sentido, a teoria do conhecimento da Idade Contemporânea também procurou dar ênfase ao estudo semântico. Daí vieram as teorias da condição de verdade que tratam os significados como condições sob as quais uma frase, envolvendo uma expressão, pode ser verdadeira ou falsa.

As teorias do significado como uso entendem o significado como o que está relacionado a atos de fala e frases particulares. Isso não se pode constatar na filosofia medieval e menos ainda da antiga. Por outro lado, as teorias pragmaticistas tratam o significado como consequência. Teorias referenciais do significado tratam o significado como algo equivalente às coisas no mundo conectadas às palavras que as designam. No Crátilo (uma obra em forma de diálogo) Platão trata de questões relativas à relação entre os nomes e as coisas que os mesmos designam. Tal relação é natural ou convencional? No final do diálogo ele admite que convenções sociais estão envolvidas na fixação dos nomes às coisas e que há problemas na idéia que palavras e fonemas têm significados naturais.⁴

Segundo Nef (1995, p. 14) “A doutrina platônica da linguagem fica melhor entendida quando se toma corretamente o sentido do termo *logos* usado por Platão.” Na prática, não se trata apenas de um discurso ou de uma sequência aleatória de dados linguísticos – o *logos* está relacionado ao sentido porque “designa uma relação matemática, um argumento, ao mesmo tempo que discurso ou linguagem.” A linguagem, assim, vincula-se necessariamente ao conhecimento do mundo, isto é, faz sentido a linguagem porque estabelece reação entre o que se diz e o que se apreende.

A linguagem e a reflexão acerca dela põem em evidência a necessidade de compreender o mundo e seus dinamismos a partir da linguagem. Quer isso dizer que se arranca da prática cotidiana alguma explicação sem a qual não se entenderia o mundo e suas relações. No entendimento de Charaudeau (2010, p. 20):⁵

O ato da linguagem não pode ser concebido de outra forma a não ser como um conjunto de atos significadores que *falam* o mundo através das condições e da própria instância de sua transmissão. De onde se conclui que o objeto do conhecimento é o *do que* fala a linguagem através do *como* fala a linguagem, um constituindo o outro (e não um após o outro). O mundo não é dado a princípio. Ele se faz através da estratégia humana da significação.

3. Linguagem e lógica

O estudo sobre a investigação filosófica da linguagem pode ser encontrada já nos textos de Platão, Aristóteles e autores estoicos. Os filósofos do mundo antigo fizeram muitas referências à importância da linguagem, embora voltados para a semântica ou a

⁴ http://pt.wikipedia.org/wiki/Filosofia_da_linguagem. Acesso: 02 de novembro de 2018.

⁵ O autor procura esclarecer algumas teorias acerca da linguagem, especialmente no que diz respeito à significação. Deixa transparecer que o mundo se expressa (é conhecido) através da linguagem, cuja forma (palavra, frase, texto...) “esgota sua significação em si mesmo.

etimologia. Dentro desse particular, um dos temas mais frequente era a lógica, e não apenas a lógica matemática, mas a linguística também.

Segundo Jolivet (1976, p. 27), desde o ensinamento dos filósofos gregos, inclusive os pré-socráticos, a lógica foi entendida como sendo *a ciência* das leis ideais do pensamento, e a arte de aplicá-las corretamente à procura de demonstrar a verdade. Logo, pode-se compreender a lógica de forma mais adequada através dos silogismos, que uma forma de argumentação em que de um antecedente que une dois termos a um terceiro, infere-se um conseqüente que une os dois termos entre si. As duas primeiras são as premissas, a última a conclusão.

Os estudos lógico-linguísticos seguiram seu curso, e nesse processo demoraram muito tempo para se entenderem até a lógica como ciência. Trata-se de *um sistema* de conhecimentos certos, fundados sobre princípios universais, como a própria linguagem. De fato, nem a própria filosofia era considerada ciência, e na Idade Média, ficou praticamente subordinada à teologia. Mas a lógica era necessária para tornar o espírito mais penetrante e ajudá-lo a justificar as operações linguísticas, recorrendo aos princípios que fundamentam a legitimidade do argumento. A força do argumento, neste sentido, está no silogismo que é um dos elementos primordiais da lógica.

Alston (1972, p. 19) afirma, entre outras coisas, que a lógica é um ramo da Filosofia em que o interesse pela linguagem tem lugar preponderante. Ao dizer isso, aproxima-se, e muito, dos primeiros autores que fizeram referência à linguagem tendo como ponto de partida a própria filosofia.

Quando se estuda a linguagem como objeto de interesse de autores antigos e medievais, verifica-se que a lógica se preocupa com a inferência. Na verdade, procura-se estabelecer critérios para distinguir as inferências válidas das inválidas. É a constante preocupação em discernir o verdadeiro do falso.

Os pensadores entenderam que o raciocínio se efetua e se concretiza pela linguagem, e a análise das inferências depende da análise dos enunciados que figuram como premissas e conclusões. Daí a importância do silogismo, que para a lógica linguística é fundamental para distinguir os critérios de verdade e falsidade.

A lógica revela o fato de que a validade ou invalidade de uma inferência depende das formas dos enunciados, que compõem as premissas e a conclusão, entendendo-se por "forma" as espécies de termos que os enunciados contêm e o modo como esses termos estão combinados no enunciado. Assim, de duas inferências que superficialmente

parecem muito semelhantes, uma poderá ser válida e a outra inválida por causa de uma diferença na forma de um ou mais dos enunciados envolvidos.

4. Lógica e relação de sentido

A lógica estabelece as condições necessárias para as operações intelectuais que se expressam e se concretizam na linguagem. São duas as categorias: lógica formal ou menor, que se preocupa com a forma correta das operações intelectuais e, ao mesmo tempo, faz a sintonia do pensamento consigo mesmo. Por isso ela se aplica a todos os objetos do pensamento, principalmente à linguagem.

Pela lógica, chega-se à conclusão de que as operações intelectuais são três: a apreensão, o juízo e o raciocínio. A lógica material ou maior determina as leis particulares e as regras especiais que decorrem da natureza dos objetos a serem conhecidos. É por esta lógica que se definem os métodos das matemáticas, da física, da química, das ciências naturais e da própria linguagem

Ainda de acordo com Jolivet (1976, p. 29), pela lógica maior se liga o estudo das condições de certeza que se manifestam na forma de expressão da linguagem. Daqui deriva a ideia dos sofismas, muito comum nos filósofos e teólogos, da Idade Antiga à Idade Média, com alguns resquícios na Idade Moderna. Pelos sofismas o falso se apresenta sob a forma de verdadeiro.

Historicamente, os estudos linguísticos afirmam que Platão também é responsável pela explicação da possibilidade do discurso sobre a falsidade e o não-ser. É fácil explicar como falamos sobre o que é, existe ou acontece. Se o céu está azul, e dizemos "o céu está azul", o que dizemos é verdadeiro, pois se relaciona de maneira adequada com a cor do céu, o estado de coisas. Mas se o céu está azul, e dizemos "o céu não está azul", o que dizemos é falso, e aqui temos um problema, pois o que dizemos não se relaciona a nada. Se não se relaciona a nada, então não se relaciona, pois o nada não é nada, e não pode ser o elemento de uma relação. E, no entanto, falamos muitas coisas que não são, ou são falsas. Isso é possível, segundo Platão, porque as frases são complexas, ao contrário dos nomes, os quais são simples. Um nome designa a coisa que designa se a coisa existe, ou não designa nada se a coisa não existe. A frase não nomeia nada. Nela se atribui um predicado a um sujeito gramatical, e é nessa atribuição que há espaço para que se diga, de uma coisa, algo que não cabe a ela. Eis onde nasce a possibilidade do discurso sobre a falsidade e o não-ser.

Aristóteles se ocupou de questões de lógica, das categorias e do significado. Ele separou todas as coisas nas noções de gênero e espécie. Ele defendeu que o significado de um predicado é estabelecido através da abstração das similaridades entre várias coisas individuais. Tal teoria deu origem ao nominalismo, na Idade Média, mas há influência aristotélica também na posição oposta, o realismo sobre os universais. Dentre os medievais, Pedro Abelardo é notável pela antecipação de muitas ideias modernas sobre a linguagem. O debate sobre o significado dos universais interessou a vários filósofos. Qual o significado de "pedra", por exemplo? Para os realistas a palavra refere-se a uma entidade abstrata. (A teoria das formas ou ideias de Platão é um exemplo de realismo.) Para os nominalistas a palavra é um som comum que utilizamos para designar cada pedra.

Segundo Ullmann (1981, p. 113) o significado é um dos termos mais ambíguos e controversos da teoria da linguagem. Estudiosos nos últimos 20 anos do século XX encontraram dezesseis significações diferentes. E a partir daí muitos usos foram incorporados a esta formidável fonte de ambiguidade, o que tornou o termo inutilizável para os fins científicos. De qualquer modo, ainda não se tem resposta para o significado do significado (e isso não é redundância!), e nunca poderá haver uma resposta única e definitiva para tão relevante questão.

Embora os filósofos sempre tenham discutido a linguagem, ela começou a desempenhar um papel central na filosofia no final do século XIX. No século XX a filosofia da linguagem tornou-se tão central que em alguns círculos de filosofia analítica que os problemas da filosofia em geral foram tratados como problemas de filosofia da linguagem. Há mesmo diversidade no modo como se compreende o significado. O interesse que os filósofos tiveram pela linguagem não vai muito além da semântica, e isso é um fato reconhecido pelos linguistas modernos. Vale dizer que a filosofia ainda se preocupa com a linguagem, e de modo particular como a semântica:

Os filósofos vêm debatendo a questão [da semântica / significado], com referência especial à linguagem há bem mais de dois mil anos. Ninguém conseguiu ainda apresentar uma resposta satisfatória. Uma das possíveis razões para isso é que, da forma como está elaborada, a pergunta [o que é significado?] é irrespondível. Apresenta duas pressuposições que são, no mínimo, problemáticas: (a) de que aquilo a que nos referimos com a palavra 'significado' tem algum tipo de existência ou realidade; b) que tudo aquilo a que nos referimos usando este termo apresenta uma natureza semelhante, se não idêntica. Podemos chamar a uma de (a) pressuposição de existência e a outra de (b) pressuposição de homogeneidade.⁶

⁶ LYONS, J. *Linguagem e linguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: LTC, 1987, p. 133.

A dificuldade em responder à questão [da semântica] está no fato de a filosofia ter dado um conceito pouco definido. Cada época mostrou o interesse do estudo da linguagem, e neste sentido a partir da Idade Média se constata maior compromisso dos pensadores e filósofos com a linguagem.

Importa, neste particular, adiantar o papel da filosofia cristã, principalmente depois da época das apologias, das defesas dos dogmas cristãos, tudo mostrado no argumento linguístico. Isso, contudo, não quer dizer que os filósofos se esqueceram de um detalhe importante e indispensável: as línguas mudam com o tempo, mas guardam e conservam o que de mais importante existe numa cultura. Se o ser humano pensa sobre si mesmo, sobre seu destino e o destino do mundo, só o faz pela linguagem, já que sem ela essas expectativas não seriam cumpridas.

5. Linguagem e memória

Nada do que expressamos está fora da imagem que *fazemos* ou pintamos na memória. Por isso, precisamos entender que somos seres que refletimos sobre o que dizemos porque formamos a linguagem a partir do que construímos na mente. Daqui já podemos afirmar que nenhum conhecimento seria verdadeiro se de onde emerge não fosse a memória. As palavras moldam a ideia, que é extraída da memória, como diz Agostinho (2015, p. 248):

Esses conhecimentos serão retirados do lugar mais íntimo, que não é lugar. Ora, eu não trago comigo as suas imagens, mas as próprias realidades. As noções de literatura, de dialética, as diferentes espécies de questões e todos os conhecimentos que tenho a este respeito existem também na minha memória, mas de tal modo que, *se não tivesse fora a imagem, deixaria fora o objeto*. [...] De fato, todas estas realidades não nos penetram na memória. Só as suas imagens é que são recolhidas com espantosa rapidez e dispostas, por assim dizer, em células admiráveis donde admiravelmente são tiradas pela lembrança.

Com efeito, o conhecimento expresso pela linguagem se revela a partir da memória que elaboramos em forma de imagem que é traduzida, posteriormente, e palavras, frases, expressões de sentido completo. Por isso, a linguagem torna-se, por assim dizer, um instrumento eficiente de ação e interação da sociedade. Toda forma discursiva é uma interação social, e dizemos que é prática humana dada a partir do sujeito. Assim, “a vida social é fundamentalmente um conjunto de atos de compreensão e, por isso, de atividade linguística.”⁷

⁷ BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos estudos linguísticos*. Campinas-SP, Pontes Editores, 2008. No início do seu trabalho acerca do pensamento linguístico diz que a linguagem controla os acontecimentos, e mostra uma sequência de ocorrências em que o sujeito age, mas sobre sua ação está o pensamento [a linguagem], cujo fim é o domínio sobre os demais. Neste caso, há uma preocupação acerca da manipulação

Pinker (2002, p. 5), ao mostrar a importância da linguagem na ação humana, também aponta para relevância da comunicação como arte, “que molda eventos”, torna o humano diferente das outras espécies do universo. De fato, se pensamos no papel da linguagem na história das civilizações podemos adiantar que as conquistas que foram alcançadas, os benefícios em diferentes campos – falamos, naturalmente, dos aspectos positivos, embora conscientes de que ocorreram muitos eventos nocivos ou com a contribuição da linguagem ou que ela não foi capaz de evitar pela diplomacia – tudo passa pela linguagem.

Conclusão

Os estudos linguísticos, por certo, permitiram e corroboram para que a linguística fosse transformada em ciência, de entendê-la como um objeto de estudo científico e não apenas de caráter especulativo. Nesse universo, surge Ferdinand de Saussure que abre caminho para que os estudos linguísticos modernos tomassem matizes científicos. Daí veio a gramática descritiva, que não deixou para trás os elementos estudados pelos pensadores antigos e medievais.

Após os estudos de Saussure, duas vertentes emergem dentro da linguística: a diacronia e a sincronia. Esta com mais ênfase. Os fenômenos linguísticos serviram de base para os estruturalistas. Usando o método hipotético-dedutivo, método cartesiano, Noam Chomsky parte do todo para as partes, procurando rigor dos estudos linguísticos - como nas regras matemáticas, que gera números até o infinito, explica-se o que ocorre com a mente na produção da linguagem – geram-se as frases inéditas.

Esse recorrido histórico mostrou que nem sempre os estudos linguísticos foram tranquilos; como em toda ciência, os acontecimentos e fenômenos têm sua época e suas circunstâncias. O que fica claro é que a linguística sempre foi uma preocupação dos pensadores, mesmos os mais antigos. Houve época, como nos séculos XIII, XIV e XV, que a obsessão pela linguagem era constante entre os filósofos. Nessa época a Filosofia da Linguagem ganhou força e o destaque mais importante no Renascimento é Descartes, que pôs a base para os estudos racionais da linguagem cujos resultados ainda estão sendo colhidos.

Sem dúvida, a importância da linguagem deve ocupar um espaço proeminente na galeria das ciências, porque ela é capaz de moldar o mundo e entregar à humanidade

da linguagem e do modo como se deve pensar a linguagem – a interação social, que é a função da linguagem, pelo menos do ponto de vista moral, não deveria servir à manipulação do outro.

condições efetivas de superação de limites. Se somos o que comunicamos, ao melhorar as diferentes formas de compreensão do discurso, corrigindo, quando necessário, orientando à adequada forma de ação, pelo seu dinamismo, a linguagem nos levará a um universo de maior interação, integração e formação humana.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- AGOSTINHO DE HIPONA. *Confissões*. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos estudos linguísticos*. Campinas-SP: Pontes Editores, 2008.
- BORGES NETO, José. *Ensaio de filosofia da linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2010.
- ECO, Umberto. *As formas do Conteúdo*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- FIORIN, J. L. (org). *Introdução à linguística: objetos teóricos*. São Paulo: Contexto. São Paulo: Cortez, 2001.
- LYONS, John. *Linguagem e linguística: uma introdução*. Rio de Janeiro: LTC, 1987.
- MORTARI, C. A. *Introdução à lógica*. São Paulo: Editora UNESP, 2001.
- MUSSALIM, Fernanda. & BENTES, Anna.C. (orgs). *Introdução à Linguística: domínios e fronteiras*. Vols. 1 e 2. São Paulo: Cortez, 2001.
- NEF, Frédéric. *A linguagem. Uma abordagem filosófica*. Rio de Janeiro: Jorge Zarar, 1995.
- NÖTH, Winfried. *A semiótica no século XX*. São Paulo: ANNABLUME, 1996.
- PINKER, Steven. *O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- ROSENSTOCK-HUESSY, Eugen. *A origem da linguagem*. Rio de Janeiro: Record, 2002.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.